



E os 7%? A percepção de famílias carentes de uma comunidade de Betim/MG sobre a transição da TV analógica para a TV Digital.

Eudes Moreira Sobrinho, Wellington Nora Soares, Cláudio Márcio Magalhães¹

eudes.sobrinho@ig.com.br, wnsoares@gmail.com,
claudio.marcio@prof.una.br

***Abstract.** The transition from Digital TV (TVD) is a technological landmark in Brazil. In a few years, the whole country will have to change its system of watching television. In a continental country, with demography and geography of the most diverse, it is known that someone will be left out. The legislation implementing the TVD obliges companies to donate reception equipment to the needy population registered in social programs, but allows that, since 93% of households receive the digital signal, the analog signal can be turned off. The present study had the objective of analyzing the perceptions of seven families in need of a community in Betim / MG, not included in government social programs, with income of up to 1.5 minimum wages on the change from analogue to digital. Researchers visited and interviewed household heads before and after the shutdown. The qualitative content analysis generated four thematic categories. The results showed that of the seven families not benefited by the program of free kit receipts, three were harmed by the analogue signal disconnection and had their main form of entertainment impaired and that the transition demonstrated, once again, how the country has difficulties with the digital exclusion.*

***Keywords:** Digitization, Digital inclusion, Interactivity, Digital TV, Television.*

***Resumo.** A transição da TV Digital (TVD) é um marco tecnológico no Brasil. Em poucos anos, o país inteiro deverá mudar o seu sistema de ver televisão. Num país continental, com demografia e geografia das mais diversas, sabe-se que alguém ficará de fora. A legislação da implantação da TVD obriga empresas a doarem equipamentos de recepção para população carente registrada nos programas sociais, mas permite que, uma vez que 93% das famílias recebe o sinal digital,, o sinal analógico pode ser desligado. O presente trabalho teve como objetivo analisar as percepções de sete famílias carentes de uma comunidade em Betim/MG, não contempladas com programas sociais do governo, e que apresentavam renda de até 1,5 salários mínimos, sobre a mudança do sinal analógico para o digital. Os pesquisadores visitaram e entrevistaram chefes de família antes e depois do desligamento. A análise qualitativa de conteúdo gerou quatro categorias temáticas. Os resultados mostraram que das sete famílias não beneficiadas*

pelo programa de recebimentos de kits gratuitos, três foram prejudicadas pelo desligamento do sinal analógico e tiveram a sua principal forma de entretenimento prejudicada e que a transição demonstrou, uma vez mais, como o país tem dificuldades com a exclusão digital.

Palavras chaves: Digitalização, Inclusão digital, Interatividade, TV digital, Televisão.

1. Introdução

No dia 22 de novembro de 2017 foram encerradas as transmissões analógicas de televisão na região metropolitana de Belo Horizonte, segundo a determinação do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), através da portaria nº 378, de 22 de janeiro de 2016, e da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). O documento também estabelece um cronograma para o desligamento do sinal analógico em todas as cidades no país até o final de 2023.

Essa determinação terá grande impacto, pois a televisão é um dos meios de comunicação que tem a maior penetração e influencia nos lares brasileiros dentre todos os meios de comunicação de massa, inclusive maior que a do rádio. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), a TV está em 97,1% das residências e cobre 97% do território nacional. Tal número nos dá uma dimensão dos desafios que foram enfrentados na migração do sistema analógico para o novo padrão digital.

Um desses desafios foi parcialmente solucionado pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) que, do ano 2000 a 2005, mapeou cerca de 400 geradoras de sinais de TV no Brasil com o objetivo estabelecer uma faixa de cobertura do sinal digital equivalente a que era oferecida na faixa analógica.

Uma vez estabelecido o sinal digital era necessário estimular a produção de aparelhos para a recepção do sinal digital. Neste sentido, o governo brasileiro fixou um prazo de implantação aos fabricantes de televisores que tiveram seis meses, a partir de fevereiro de 2007, para desenvolverem e lançarem os produtos adaptados ao sinal digital, segundo Di Giulio (2007).

Todos esses esforços na criação da TV digital visavam promover a inclusão digital. O decreto nº 4.901, de vinte e seis de novembro de 2003, afirma em seu Art. 1º que o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), tem por finalidade alcançar, entre outros, os seguintes objetivos:

I - promover a inclusão social, a diversidade cultural do País e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação;

II - propiciar a criação de rede universal de educação à distância;

III - estimular a pesquisa e o desenvolvimento e propiciar a expansão de tecnologias brasileiras e da indústria nacional relacionadas à tecnologia de informação e comunicação;

IV - planejar o processo de transição da televisão analógica para a digital, de modo a garantir a gradual adesão de usuários a custos compatíveis com sua renda; (...)

X - aprimorar a qualidade de áudio, vídeo e serviços, consideradas as atuais condições do parque instalado de receptores no Brasil; e

XI - incentivar a indústria regional e local na produção de instrumentos e serviços digitais. (BRASIL, 2003).

O inciso I do decreto, que previa a inclusão social e diversidade cultural por meio do acesso à tecnologia digital, ainda não obteve o sucesso esperado (REYNOL, 2008) e a TV digital foi utilizada para atender mais aos interesses do capitalismo do que as classes sociais mais desprovidas economicamente (CABRAL FILHO, 2007).

Contudo, para cumprir com os prazos estabelecidos para o desligamento, assim como os demais aspectos da legislação, a ANATEL determinou, em abril de 2015, a criação da EAD – Empresa Administradora da Digitalização, é uma instituição não-governamental e sem fins lucrativos, responsável pela operacionalização da migração do sinal analógico para o digital no Brasil; , financiada e administrada pelas empresas telefônicas adquirentes do espectro eletromagnético resultante da liberação dos canais analógicos.

A instituição criou a *Seja Digital*, que realiza campanhas, mobilização social, suporte didático e distribui kits para a TV digital a famílias cadastradas em programas sociais do Governo Federal. A lista de beneficiários é enviada pelo Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Seu objetivo é “não deixar ninguém para trás” e sua primeira atuação em uma capital brasileira aconteceu em Brasília (Kieling, Freitas, & Feitosa, 2017).

A expectativa do MDS é de que a mudança do sinal analógico para o digital vá além da melhoria do sinal e da imagem. A promessa é de que a inovação permita a interatividade, portabilidade e mobilidade. Para que essa mudança aconteça e o sinal seja desligado é necessário, segundo a legislação brasileira, que 93% dos domicílios brasileiros acessem o serviço livremente, gratuitamente (portanto, a regulação permite que se deixe 7% de fora, os citados no título deste trabalho). Neste sentido, a *Seja Digital* iria distribuir kits, como conversor e antena, para a população carente, de alguma forma cadastrada em algum dos programas sociais.

Porém, através da atividade profissional de professor, exercida pelos pesquisadores em escolas da periferia de Betim/MG, foi observado que nem todos os alunos carentes eram beneficiados pelos programas sociais do governo. Logo, apesar das atividades da *Seja Digital*, existem famílias que não tiveram acesso ao kit digital e a mudança do sinal irá influenciar diretamente em seu cotidiano.

Para tentar encontrar uma pequena resposta para essa inquietação, foi realizado um estudo qualitativo com sete famílias de alunos do bairro Icaivera, em Betim/MG, que apresentavam renda de até 1,5 salários mínimos e que não foram contempladas com o kit digital. Ao final, foi analisado como a mudança do sistema as afetou.

2. Objetivo

Analisar a percepção das famílias carentes do bairro Icaivera em Betim-MG, não contempladas com o Kit digital, sobre a transição da TV analógica para a TV Digital.



3. Metodologia

Além da pesquisa bibliográfica e documental, que teve como objetivo compreender o processo de inserção da TV digital no Brasil foi realizado a aplicação de um questionário qualitativo em conjunto com uma observação *in loco*, com o objetivo de verificar a percepção de sete famílias não contempladas com o kit digital em relação à transição do sinal analógico para o digital.

As famílias pesquisadas apresentavam renda de, no máximo, 1,5 salários mínimos e residência no bairro Icaivera em Betim-MG. As entrevistas ocorreram antes do desligamento, nos dias 06, 07 e 08 de novembro (ANTES do desligamento), e, após o desligamento, em duas ocasiões, nos dias 23 de novembro (APÓS o desligamento) e no dia 23 de dezembro, um mês depois. (30 dias APÓS o desligamento),

O objetivo foi, certamente, além de entender a percepção das famílias sobre a transição, também fazer um comparativo. A aplicação do questionário aconteceu ANTES e DEPOIS da transição, objetivando a comparação dos dados. Houve mudança de percepção? A não doação do kit influenciou em algo no seu cotidiano? Como essas famílias fizeram para se adaptar a uma nova realidade digital no quesito de assistência a televisão, o principal veículo de entretenimento deste segmento?

3.1 Participantes

Participaram da pesquisa sete chefes de família com idades variando entre 22 e 82 anos, todos casados, e com nível de escolaridade fundamental e médio (incompleto e completo). Todos entrevistados exerciam atividades profissionais (Quadro 1).

Quadro1. Dados demográficos dos participantes do estudo.

| Entrevistado | Número de Membros na Família? | Renda Familiar R\$? | Nível de Escolaridade? | Família Beneficiada em Programas Sociais? | Idade (anos) |
|--------------|-------------------------------|---------------------|-------------------------|---|--------------|
| 01 | 06 | 1400,00 | Ensino Médio Completo | Não | 45 |
| 02 | 04 | 937,00 | Fundamental Incompleto | Não | 67 |
| 03 | 08 | 1200,00 | Fundamental Completo | Não | 51 |
| 04 | 03 | 937,00 | Fundamental Incompleto | Não | 22 |
| 05 | 04 | 1400,00 | Ensino Médio Incompleto | Não | 33 |
| 06 | 04 | 1200,00 | Ensino Médio Completo | Não | 57 |
| 07 | 07 | 937,00 | Fundamental Incompleto | Não | 82 |

3.2 Unidade de análise: o bairro Icaivera

O bairro Icaivera está localizado no município de Betim, em Minas Gerais. O bairro, afastado da região central da cidade, surgiu com o crescimento industrial da cidade. Contudo, não apresentava condições mínimas de moradia, e ao longo do tempo, foram surgindo problemas de saneamento básico, transporte, saúde e educação. Atualmente, esses problemas foram parcialmente resolvidos. A escolha do bairro para o presente estudo se deu através da percepção dos pesquisadores para o fato de que,

mesmo se tratando de uma comunidade carente, apresentava moradores que não eram contemplados com os programas sociais do governo.

3.2 Delineamento, procedimentos e instrumentos

O presente estudo teve caráter qualitativo. A identificação dos participantes se deu através de uma rede de relações dos autores do artigo. Tais pessoas entraram em contato com famílias que não eram contempladas por programas sociais e que apresentavam renda de até 1,5 salários, e obtiveram a indicação de diversos nomes. Foi feito contato com dez famílias, explicando-se os objetivos e realizando o convite para a pesquisa. Acredita-se que esse procedimento facilitou a pesquisa, pois nenhuma família se recusou a colaborar com o estudo. Após a aceitação, foi realizado o agendamento de um horário e local para a realização da entrevista. Dos dez contatos realizados, três não estavam presentes no horário pré-estabelecido.

O instrumento realizado foi a entrevista semi-estruturada cujo roteiro de questões foi construído pelos autores, abordando aspectos relacionados ao objetivo do estudo. São eles: houve mudança de percepção? A não doação do kit influenciou em algo no seu cotidiano? Como essas famílias fizeram para se adaptar a uma nova realidade digital no quesito de assistência a televisão, o principal veículo de entretenimento deste segmento? As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos, sendo gravadas e transcritas fidedignamente, para posterior análise. As sete entrevistas ocorreram na própria residência dos entrevistados.

Cabe ressaltar que a coleta de dados só teve início após a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes.

4. Resultados e Discussão

Os dados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas foram submetidos à análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Nesta proposta de análise têm-se três fases. A primeira ocorre a pré-análise, onde as ideias iniciais foram sistematizadas, conduzindo a um esquema de avanço das operações. A fase seguinte foi a de exploração do material. A última fase foi a de tratamento de dados, na qual os resultados brutos foram tratados de maneira a terem significados e se tornarem válidos, realizando inferências e interpretações.

A partir das entrevistas foram criadas categorias temáticas. Essas categorias serão ilustradas por falas dos entrevistados e discutidas.

A primeira categoria englobou todas as respostas dos participantes que referiram ao tipo de televisão que possuíam, a frequência com que a família assiste TV e como a família interage com a TV (Quadro 2).

Das sete famílias entrevistadas, apenas duas já possuíam televisores modernos com conversores internos. E as outras cinco tinham televisores de tubo sem os conversores instalados. Em relação aos hábitos de interação das famílias com a TV, percebe-se uma grande utilização do aparelho, sendo relatado por duas delas como a única forma de entretenimento. Em relação à forma como interagem com a TV, todos entrevistados responderam que assistem com a família.



Diante do exposto nas entrevistas, e considerando a não participação nos programas sociais, e a renda familiar e dos entrevistados, fica claro que tais famílias seriam afetadas pela conversão do sinal analógico para o digital. Seja positivamente (para os que já possuem os conversores) ou negativamente (para as famílias que ainda não possuem os conversores).

Quadro 2. Respostas da primeira categoria de análise – antes da conversão

| Entrevistado | Qual tipo de televisão possui? | Qual a frequência com que a família assiste TV? | Como a família interage com a TV |
|--------------|--------------------------------|---|---|
| 01 | TV de plasma/LCD grande. | Todos os dias. É única forma de diversão que temos. | - Assistem sozinha/os. - Temos o hábito de assistir em família. - Já votei em programas do tipo BBB, Faustão... |
| 02 | TV de tubo grande. | Todos os dias. | - Temos o hábito de assistir em família. - Assistem sozinha/os. |
| 03 | TV de tubo grande. | Todos os dias. | - Temos o hábito de assistir em família. - Assistem sozinha/os. |
| 04 | TV de tubo pequena. | Todos os dias. | - Temos o hábito de assistir em família. |
| 05 | TV de tubo grande. | Todos os dias. É o que nos diverte, aqui no bairro não tem nada pra fazer. | - Temos o hábito de assistir em família. |
| 06 | TV de plasma/LCD grande. | Todos os dias. | - Temos o hábito de assistir em família. |
| 07 | TV de tubo grande. | Todos os dias. | - Temos o hábito de assistir em família. - Assistem sozinha/os. |

Na segunda categoria, os participantes responderam sobre o que sabem sobre a mudança do sinal analógico para o digital (Quadro 3).

Quadro 3. Respostas da segunda categoria de análise – antes da conversão

| Entrevistado | O que sabe sobre a mudança do sinal analógico para o digital? |
|--------------|---|
| 01 | Pelo que ouviu falar acredita que vai melhorar a imagem. |
| 02 | Vai diminuir os chuviscos. |
| 03 | Vai melhorar a imagem e som. |
| 04 | Acredito que vai melhorar a imagem. |
| 05 | Acho que diminuir os chuviscos. |
| 06 | Vai melhorar a imagem. |
| 07 | Desconhece o assunto. |

Das sete famílias entrevistadas, seis acreditavam em melhorias após a mudança do sinal analógico para o digital. A resposta mais citada se referia a melhorias na imagem. Um entrevistado citou a melhoria do som.

Diante das respostas, percebe-se que a campanha de informação sobre o desligamento foi eficaz e cumpriu o seu papel, pois seis dos sete entrevistados sabiam



sobre a mudança. Mas é importante notar que a interatividade, característica que proporcionaria a inclusão social conforme preconizado pelo decreto da TV Digital, como sua primeira premissa, sequer é mencionada. Esse é um resultado frustrante, mas não exatamente não esperado pelos pesquisadores (Becker, Montez, 2005; Castro, 2017).

A categoria três englobou todos os depoimentos dos participantes sobre a percepção no modo como assistem televisão antes da mudança do sinal analógico para o digital e se possuem internet (Quadro 4).

Quadro 4. Respostas da terceira categoria de análise – antes da conversão

| Entrevistado | Vocês acreditam que a mudança do sinal analógico para o digital irá influenciar no modo como assiste televisão? (se sim, Como?) | Você tem internet? |
|--------------|--|--------------------|
| 01 | Não, pois a minha televisão tem conversor digital embutido. | Sim |
| 02 | Acho que sim né? Me disseram que precisa instalar um aparelho pra continuar funcionando. | Não. |
| 03 | Sim, acho que vai parar de funcionar, mas não sobra dinheiro pra comprar o tal do conversor. | Não. |
| 04 | Vou ter que comprar um aparelho pra pegar o sinal, mas vou ver se o depósito divide em 2 ou 3 prestações. | Não. |
| 05 | Sim senhor, pois se não tiver o conversor vai parar de funcionar. Minha filha ficou de comprar um aparelho e me dar de presente. | Sim. |
| 06 | Acredito que não. A minha TV já tem o conversor instalado. | Sim. |
| 07 | Desconhece o assunto. Não soube responder | Não. |

Entre as sete famílias entrevistadas, duas, por possuíam o conversor instalado, responderam que a mudança do sinal não iria influenciar no modo com assistem TV. Outras quatro responderam que sem o conversor iriam ser afetados, pois o sinal seria desligado. Três entrevistados relataram problemas de falta de dinheiro para adquirir os conversores. O entrevistado sete desconhecia o assunto e não soube responder.

Diante das respostas, percebe-se que as famílias associaram o modo como assistem televisão ao funcionamento do aparelho. Porém, como dito, a TV digital, além da melhoria de imagem e som, citadas pelos moradores, promete que também aconteça à interatividade. Se não favorece a inclusão social neste momento, pelo menos o telespectador poderá reagir e responder ao que se está assistindo, o que pode aprimorar a experiência e torná-la mais fácil, prazerosa e com mais alternativas de programação.

A categoria quatro englobou todos os depoimentos dos participantes sobre a percepção após o desligamento do sinal analógico (Quadro 5).

Quadro 5. Respostas da quarta categoria de análise – após a conversão

| Número da Entrevista | Você conseguiu assistir televisão hoje? Se sim, sabe o motivo? | O desligamento do sinal influenciou no entretenimento da família? | (se for o caso) Como pretende resolver a situação do desligamento? |
|----------------------|--|---|--|
| 01 | Sim, o conversor está embutido na minha televisão. | Não. | - |



| | | | |
|----|--|---|--|
| 02 | Não. Não tenho o conversor. | Sim, pois é um dos nossos passa tempo preferidos. | Vou ao depósito do Gil pra comprar o kit, mas preciso ver se ele divide o pagamento. |
| 03 | Não, pois minha televisão não tem o conversor. Não sei pra que foram inventar isso. | Sim. Não consegui assistir a novela hoje. | Vou ver se acho o conversor no Oiapoque, e se o din-din vai dar pra comprar. |
| 04 | Sim. Comprei o conversor pra televisão <i>veinha</i> . Ainda devo o depósito, mas resolveu a situação. | Não. | - |
| 05 | Sim. Minha filha instalou um conversor na minha TV. | Não. | - |
| 06 | Sim. A minha TV possui o conversor interno. | Não. | |
| 07 | Não. Acho que a televisão estragou. | - | - |

Das sete famílias visitadas para a realização desta pesquisa, três foram prejudicados pelo desligamento do sinal de TV analógico, e tiveram a sua principal forma de entretenimento comprometida. Dois desses entrevistados relataram grandes dificuldades para a adaptação ao sinal digital, mas que iriam contrair dívidas para solucionar o problema. O terceiro, que estava alheio à transição, também ficou sem sua TV, e culpa seu próprio aparelho.

Ou seja, das sete famílias carentes que estavam fora do programa de recebimento de kits gratuitos, três ficaram prejudicadas com o desligamento do sinal analógico. Certamente, esse levantamento não tem caráter estatístico e não pode ser aplicado na totalidade daquelas famílias nas mesmas condições. Apenas como caráter de extrapolação, no entanto, se poderia dizer que 3% da população, no desligamento, perdeu, de um dia para o outro, sua principal fonte de informação e de lazer. Algo em torno de 170 mil pessoas na região metropolitana de Belo Horizonte.

Não se trata de um número totalmente irreal. Logo no dia seguinte, a Seja Digital anunciava que havia ainda 100 mil kits a serem distribuídos às famílias que ainda não haviam buscado, e a expectativa era desta busca ser intensificada após o desligamento¹.

De qualquer maneira, como dito, a televisão tem uma presença avassaladora no cotidiano brasileiro, e os pesquisadores quiseram retornar um mês após o desligamento. O objetivo era checar se a percepção da mudança permanecia a mesma e, principalmente, verificar a situação das três famílias excluídas do sistema de TV Digital (quadro 6).

Trinta dias após, uma das famílias havia se endividado (“ainda devo uma parcela no depósito”), mas adquirira o equipamento. Mas as demais continuavam sem TV. Nesses dois casos específicos, os pesquisadores doaram conversores. Um deles teve o patrocínio da Seja Digital, já que, na realização desta pesquisa, os pesquisadores

¹ In: MGTV 1ª Edição. Rede Globo Minas, 22 nov. 2017.



ganharam um kit como gratificação, encaminhado para uma das famílias. O outro foi com recursos próprios de um dos investigadores.

Quadro 6. Respostas da quarta categoria de análise – após da conversão

| Número da Entrevista | Trinta (30) dias após o desligamento da TV digital, vocês acreditam que a mudança foi positiva? | (se for o caso) Como resolveu ou pretende resolver a situação do desligamento? |
|----------------------|--|---|
| 01 | Sim, pois a imagem é infinitamente melhor. | - |
| 02 | Sim. Ainda devo uma parcela no depósito, mas valeu a pena, pois a qualidade de imagem é bem melhor. | - |
| 03 | 23/12: Ainda não instalei o conversor. 30/12: Nossa! A imagem fica linda. Gostei de tudo. Obrigada pela doação! | Esta família foi beneficiada por um kit digital doado pelos pesquisadores no dia 30/12 ² |
| 04 | Sim. É tão boa que consigo ver até as espinhas dos artistas na televisão. | - |
| 05 | Achei fantástico. O som e a imagem são bem melhores. | - |
| 06 | Troquei a minha televisão há 5 meses e só tenho elogios a fazer. A imagem e o som são muito bons. | - |
| 07 | Moço, esse “trem” que você colocou na televisão fez melhorar demais. A imagem ficou muito boa. | - |

Todos os entrevistados relataram aspectos positivos, em relação à imagem e ao som, após a instalação dos conversores. A satisfação com a mudança tecnológica foi notória e reforçada pela experiência de um mês, naqueles que estavam à postos no momento da transição, e idolatrada por aqueles que estavam excluídos. Reforça-se aqui que, embora seja sempre bom presenciar algo de melhoria na qualidade de vida de famílias tão carente, e notado de forma tão explícita, lamenta-se não se aproveitar a ocasião e oferecer ainda mais, como possibilidades de interatividade e multiprogramação, ambas as capacidades que a tecnologia da TV Digital oferece, mas que passa ao largo da percepção dos novos telespectadores digitais.

5. Considerações Finais

Não há dúvidas que essa é a parte mais pobre da população. E, ao contrário do que esperava os legisladores da, naquela ocasião de regulação, incipiente TV Digital, ao invés de inclusão social, uma parte significativa podem ser vítimas da exclusão digital. Tais dados, no entanto, não devem causar nenhum problema para as emissoras, e nem para o programa de digitalização brasileiro. Certamente, devem beneficiar as empresas de eletroeletrônicos, de empréstimos populares e ‘depósitos’ que ganham mais no endividamento do que no aparelho em si, pois, como se notou na família 2, a tendência é que o déficit tecnológico seja pago pelo telespectador, e não pelas instituições. De outra maneira, viu-se que a população carente também arcará, com dívidas, para atender a transição, um triste efeito colateral.



Por outro lado, os resultados também mostram que, se também extrapolados os depoimentos das famílias com dificuldades, não falta de informação sobre as questões técnicas. Há opções ainda, como a continuidade da distribuição dos kits mesmo após o desligamento, como dito. No entanto, nada soube, ou absorveu, ou entendeu, dos demais benefícios que a TV Digital poderia lhe oferecer, denotando uma lacuna na comunicação, se involuntário ou incompetente; ou perversão, caso tais informações tenham sido ignoradas de propósito pelo planejamento da transição.

E há a terceira opção, a doação independente do programa oficial. Foi o que fizeram os pesquisadores com a terceira família, ao doar um conversor para aquela que desconhecia e acreditava que seu aparelho é que tinha estragado. Ela, que desconhecia a transição, não ficou para trás. Embora possa parecer nobre, os pesquisadores têm a consciência que tal iniciativa apenas reforça dois tristes aspectos nacionais quando se trata de exclusão social: a que o mais carente é o que mais sofre e que a sua dependência de alguém ou algo que lhe forneça o que deveria ser seu de direito o coloca ainda mais dentro de um círculo vicioso da miséria e abandono.

Portanto, a TV Digital não deixará de estrar na casa das pessoas, e até em grande parte do universo dos 7%. Mas a transição tem também a qualidade de mostrar que, mesmo em um programa tecnológico, de interesse de todos, é um retrato do país quando se trata de inclusão: não se importa que os mais carentes continuem carentes, e que se pode dar mais, escolhe-se dar menos.

6. Referências

- BECKER, Valdecir; MONTEZ, Carlos. (2004) TV digital interativa: conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil. Florianópolis: I2TV.
- BRASIL. (2003). Decreto no. 4.901, de 26 de novembro de 2003. Brasília: Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4901.htm.
- _____.Decreto 8.753, de 10 de maio de 2016. Altera o Decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006, que dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão. Disponível em:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2016/decreto-8753-10-maio-2016-783052-publicacaooriginal-150313-pe.html>> Acesso em: 18 set. 2016e.
- CABRAL FILHO, A. V. (2007). Teses interativas sobre um debate analógico a respeito da novela da implementação da TV Digital no Brasil. *Liinc em Revista*, 3(2), pp. 101-112.
- CASTRO, Cosette. (2017) “Interatividade – a grande excluída no projeto de implantação da TV digital no Brasil”. In: KIELING, Alexandre; FREITAS, Kênia; FEITOSA, Deisy. TV digital [recurso eletrônico]: o desligamento do sinal analógico e a adaptação dos telespectadores. Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- DI GIULIO, Gabriela (2007). A TV digital que vem aí. *Inovação Uniemp*.vol.3, n. 6pp. 32-37.
- REYNOL, Fábio (2008). Sinal digital entra aos poucos na vida dos brasileiros. *Cienc. Cult.*, São Paulo , v. 60, n. 4, p. 8-9, Oct. 2008.